

Desigualdades e violências no capitalismo neoliberal

Rosilene Marques Sobrinho de França
Organizadora



**DESIGUALDADES E
VIOLÊNCIAS NO
CAPITALISMO NEOLIBERAL**

Rosilene Marques Sobrinho de França
Organizadora

DESIGUALDADES E VIOLÊNCIAS NO CAPITALISMO NEOLIBERAL

AUTORAS E AUTORES

Adjaime de Freitas Cadete
Adriana Rodrigues Cunha
Adriana Siqueira Marreiro Magalhães
Aline Mattos Fuzinatto
Ana Kelma Cunha Gallas
Beatriz Gershenson
Carmem Letícia dos Santos
Cirlene Aparecida Hilário da Silva Oliveira
Elaine Ferreira do Nascimento
Estelyta Hanna Guedes Rodrigues Morais
Gabriela Dutra Cristiano
Gorge André Lando

Inês Castro Apreza
Jordôa Moreira Leite
Lucas Catarino Pereira de Sousa
Maria D'Alva Macedo Ferreira
Marisol Alcocer Perulero
Marta Bramuci de Freitas
Míriam Tháís Guterres Dias
Olívia Cristina Perez
Rodrigo Aragão da Silva
Rosa Icela Ojeda Rivera
Rosilene Marques Sobrinho de França
Tamires Nogueira Santos
Teresa Cristina Moura Costa

Reitora

Nadir do Nascimento Nogueira

Vice-Reitor

Edmilson Miranda de Moura

Superintendente de Comunicação Social

Jacqueline Lima Dourado

Diretora da EDUFPI

Olivia Cristina Perez

Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas

Solange Maria Teixeira (Coordenadora)

Jairo de Carvalho Guimarães

(Coordenador Adjunto)

EDUFPI - Conselho Editorial

Jacqueline Lima Dourado (presidente)

Olivia Cristina Perez (vice-presidente)

Carlos Herold Junior

César Ricardo Siqueira Bolaño

Fernanda Antônia da Fonseca Sobral

Jasmine Soares Ribeiro Malta

João Batista Lopes

Kássio Fernando da Silva Gomes

Maria do Socorro Rios Magalhães

Teresinha de Jesus Mesquita Queiroz

**Comitê Editorial ad hoc**

Anabella Pavão da Silva (UNESP/Franca)

Juliano Vargas (PPGPP/UFPI)

Marfisa Martins Mota de Moura (UNIFSA)

Mauriceia Lígia Neves da Costa Carneiro
(DSS/UFPI)

Renato Tadeu Veroneze (UEMG)

Edição e Normalização Bibliográfica

Rosilene Marques Sobrinho de França

Ana Kelma Cunha Gallas

Projeto Gráfico e editoração eletrônica

Wellington Silva

Capa

Tiago Marques de França

FICHA CATALOGRÁFICA

Universidade Federal do Piauí

Biblioteca Comunitária Jornalista Carlos Castello Branco

Divisão de Representação da Informação

D457 Desigualdades e violências no capitalismo neoliberal / Rosilene Marques Sobrinho de França, organizadora ; Adjaimé de Freitas Cadete ... [et al.], autores e autoras. -- Teresina : EDUFPI : LESTU, 2025.

E-book.

ISBN: 978-65-5904-363-7

DOI: [10.51205/edufpi.lestu/978-65-5904-363-7](https://doi.org/10.51205/edufpi.lestu/978-65-5904-363-7)

1. Capitalismo Neoliberal. 2. Desigualdades. 3. Violência. I. França, Rosilene Marques Sobrinho de. II. Cadete, Adjaimé de Freitas.

CDD: 306.342

Bibliotecária: Fabíola Nunes Brasilino - CRB 3/1014



Editora da Universidade Federal do Piauí – EDUFPI
Campus Universitário Ministro Petrônio Portella
CEP: 64049-550 - Bairro Ininga - Teresina - PI – Brasil



Coedição:

LESTU EDITORA CONSULTORIA E COMUNICAÇÃO LTDA

CNPJ: 37.361.030/0001-33

Rua Olavo Bilac, 1951 • Teresina-PI



Editora: Ana Kelma Cunha Gallas

A IMPORTÂNCIA DE MOVIMENTOS COMO A UNEGRO PARA A GARANTIA DOS DIREITOS DAS MULHERES: um diálogo a partir das dimensões de raça, gênero e classe

*Jordôa Moreira Leite
Rosilene Marques Sobrinho de França*

INTRODUÇÃO

O trabalho¹ objetiva debater a atuação da União de Negras e Negros Pela Igualdade (UNEGRO) e sua relação com a teoria interseccional, analisando como se processa a interseccionalidade entre gênero, raça e classe e como a discussão favorece o combate à violência contra as mulheres.

O presente trabalho é um estudo bibliográfico e documental, com análise de artigos, dissertações, teses, livros e e-books, sobre

1 Versão atualizada do artigo originalmente apresentado e publicado nos anais do V Seminário Internacional Desfazendo Gênero, online, realizado no período de 22 a 25 de novembro de 2021. Disponível em https://editorarealize.com.br/editora/anais/desfazendo-genero/2021/TRABALHO_COMPLETO_EV168_MD_SA_ID_13122021205937.pdf.

a atuação do movimento negro, principalmente os relacionados às pautas de gênero, raça e classe, refletindo sobre a atuação dos movimentos sociais e a atuação da União de Negras e Negros pela Igualdade (UNEGRO), que objetiva garantir os direitos das mulheres, principalmente das mulheres negras.

Para embasar este trabalho buscou-se referências relativas à atuação dos movimentos sociais, utilizando palavras-chave como, movimentos sociais, UNEGRO, movimento negro e mulheres, com análises que têm como base o conceito de interseccionalidade, a partir da perspectiva de raça, de gênero e de classe.

Os movimentos sociais têm assumido um importante papel na defesa de direitos das mulheres, notadamente das mulheres negras, contexto em que se pode citar a UNEGRO, um movimento que está ativo há mais de 30 anos, com resistências e lutas pelo direito da população negra, sobretudo, de mulheres e meninas.

A UNEGRO é um exemplo de movimento que está presente nas ruas e nas redes sociais, debatendo, disseminando informação, e principalmente, contribuindo com a discussão de temáticas que são fundamentais para o enfrentamento das desigualdades que ora se apresentam.

O artigo está estruturado em duas seções além das considerações finais. Na primeira buscou-se examinar de maneira geral o debate sobre os movimentos sociais, incluindo o movimento social negro no Brasil. Na segunda seção, analisou-se a história da UNEGRO, com reflexões sobre seus objetivos e ações desenvolvidas durante os trinta e três anos de sua atuação no Brasil.

Os resultados mostraram que movimentos sociais como a UNEGRO têm ensejado resistências e lutas no sentido de dar visibilidade às desigualdades histórica e socialmente construídas

na realidade brasileira, com importantes aportes para a colocação de pautas de defesas das mulheres negras na agenda pública, contribuindo significativamente para a garantia de direitos, defesa da democracia e exercício da cidadania.

MOVIMENTOS SOCIAIS E SEUS DESDOBRAMENTOS NA REALIDADE BRASILEIRA

Os movimentos sociais são importantes estratégias de ação e de interlocução no espaço público, com mediações e lutas pelos direitos de indivíduos e grupos, e têm contribuído significativamente para a colocação de temas na agenda pública, visando a garantia dos direitos civis, políticos e sociais (Abers; Silva; Tatagiba, 2018).

Abers, Silva e Tatagiba, (2018) enfatizam a importância dos movimentos e das lutas no enfrentamento das expressões da questão social, bem como suas contribuições para o desenvolvimento de políticas públicas.

A presunção de que movimentos operam por fora das instituições políticas é incluída na própria definição de movimentos sociais desses autores, como se observa em McAdam (1997, p. 173, grifos nossos): tentativas racionais de grupos excluídos mobilizarem influência suficiente para promover seus interesses coletivos através de meios não-institucionais (Abers, Silva, Tatagiba, 2018, p. 24).

A partir da ação dos diversos movimentos sociais tem sido dada visibilidade às desigualdades histórica e socialmente construídas no Brasil, contexto em que podem ser citados os movimentos de mulheres, LGBTQIA+, negro, quilombola e indígena (Ferraz, 2019). Nesse sentido, os movimentos sociais

participam ativamente de diversas ações de mobilização da sociedade brasileira (Ferraz, 2019).

Nas décadas de 1970 e 1980 no Brasil os movimentos sociais atuaram significativamente na defesa, dentre outras, das políticas de educação, de saúde, de moradia, de transporte e de emprego e renda. Apesar dos rebatimentos que têm sofrido em tempos de neoliberalismo e de conservadorismo, tem-se uma ampliação das mobilizações sociais, notadamente diante do ativismo virtual e da atuação de coletivos, visando defender, dentre outros, os direitos da população negra, das mulheres e da população LGBTQIA+ (Ferraz, 2019).

As resistências do povo negro têm ocorrido desde os “primeiros quilombos” (Soares, 2016, p.72), contudo,

[...] foram muitas as formas de resistência à escravidão negra, quer seja coletiva ou individual. A exemplo das revoltas (Malês/BA, Balaiada/MA), importantes eventos tiveram a participação dos afrodescendentes. Como também podemos mencionar as irmandades de santo (Nossa Senhora da Boa Morte/BA – por volta de 1820); Irmandade de (Nossa Senhora do Rosário - Caicó/RN - 1680); São Benedito dos Homens Pretos (RJ, 1640), bem como os clubes e agremiações; a imprensa negra e tantas outras formas de resistência e luta pela abolição da escravatura (Soares, 2016, p 73).

O Movimento Social Negro é definido como “a luta dos negros na perspectiva de resolver seus problemas na sociedade abrangente, em particular os provenientes dos preconceitos e das discriminações raciais” (Domingues, 2007, p.101).

Cabe destacar que “os cinco séculos de presença negra no Brasil foram marcados por grandes batalhas pela liberdade e pela preservação da cultura de matriz africana, pela igualdade de direitos, por direitos humanos” (Soares, 2016, p. 72). Isso é o

que a população negra enfrentou e enfrenta até hoje. O passado, o presente e o futuro se articulam a partir da ação dos diversos movimentos, contribuindo para a tomada de consciência do que deve ser feito para o combate às diversas formas de opressão. Conforme Mendes (1978):

O movimento negro vive, desde a construção dos quilombos até o contexto atual de crise, agravada pela pandemia e retrocessos de direitos. Sabemos do papel fundamental das mulheres negras nessa trajetória que não se encerra aqui, virão gerações que irão descender todas as dificuldades, mas também todos os triunfos dessa luta. O dia irá chegar! (Mendes, 2021, p. 56).

A análise dos movimentos sociais no Brasil mostra a importância das lutas e das resistências do povo negro. Em relação ao Movimento Social Negro é importante destacar que “estamos nos referindo a um movimento social que necessitou lutar pelo reconhecimento de sua maior bandeira de luta que é o combate ao racismo” (Soares, 2016, p. 73).

Quadro 1 – Exemplos de movimentos de resistência e de luta do povo negro no Brasil: algumas aproximações

Exemplos de movimentos de resistência e de luta do povo negro no Brasil		Contribuições
Antes de 1888	Irmandades de santo – (Nossa Senhora de Boa Morte) Salvador (1820)	Preservação das memórias ancestrais no que consiste a religião e à cultura africana.
	Revolta dos malês - Salvador (1835)	Maior levante de escravos urbanos na luta por liberdade, influenciando no surgimento de outras revoltas.
	Balaíada - Maranhão (1838)	Luta por direitos, combate às desigualdades.
	São Benedito dos Homens Pretos - Rio de Janeiro-RJ (1640)	Preservação da memória do povo negro e contribuiu para o acesso à educação da população negra, assim como para assegurar a liberdade para exercer a religião.
	Irmandade de Nossa Senhora do Rosário - Caicó- Rio Grande do Norte (1680)	Garantia que os(as) negros(as) pudessem exercer sua religião.
Depois de 1888	Revolta da Chibata – Rio de Janeiro (1910)	Contribuições para a organização e luta contra a opressão.
	Frente Negra Brasileira – São Paulo (1931-1937)	Exemplo de grupo articulado que se tornou uma organização no campo político.
	Imprensa Negra	Difusão de conhecimento sobre a população negra.
	Teatro Experimental do Negro – Rio de Janeiro	Promoção e valorização do povo negro por meio da educação, da cultura e da arte.
	Movimento Negro Unificado (1978)	Contribuiu para a luta contra o racismo nas academias, na política e na organização de outros movimentos.

Fonte: Elaborado pelas autoras com base em Soares (2016, p. 73-84); Sousa (2012, p. 1-116); Luz (2016).; Miranda, (2019, p.75-92); Santos (2020, p. 327-329); Soares (2002, p. 59-83); Oliveira (2019. p. 199-220).

O quadro 1 mostra alguns movimentos de resistências e lutas do povo negro no Brasil ocorridos nos séculos XIX e XX, contexto pode ser citado, dentre outros, o Movimento Negro Unificado (MNU) que emerge em 1978, “uma entidade nacional que marcou a história do Movimento Negro contemporâneo e foi considerada como um dos principais protagonistas na luta antirracista brasileira” (Soares, 2016, p.74), com um conjunto de ações importantes no sentido de dar visibilidade às desigualdades histórica e socialmente construídas na realidade brasileira.

A condição de desigualdade aliada à experiência de gênero, vividas no interior do próprio movimento negro, impulsionou as mulheres negras a se organizarem e a fundarem, nos anos de 1980, o Movimento das Mulheres Negras, que hoje é parte integrante da Articulação Latina e Caribenha de mulheres negras, bem como de outras organizações internacionais. Elas também estão à frente de organizações políticas importantes como as Organizações não Governamentais de Mulheres negras e os terreiros (Soares, 2016, p.74).

É importante destacar que as desigualdades e as violências afetam as pessoas de diferentes formas e em contextos diversos (Akotirene, 2019). De modo que a análise desses temas precisa ser realizada a partir de uma abordagem interseccional.

Assim, pensar novas metodologias de análise das desigualdades remete a uma interlocução com a interseccionalidade não apenas em termos teóricos, mas também práticos, de forma a ultrapassar os paradigmas eurocêntricos, levando em consideração as diversas desigualdades que atravessam os indivíduos e grupos sociais (Akotirene, 2019).

A interseccionalidade favorece a reflexão em torno das opressões sofridas por grupos específicos, como as mulheres negras, a população LGBTQIA+, pessoas com deficiência,

pessoas idosas, bem como em torno da abordagem do gênero, considerando que esta precisa ser realizada também a partir dos atravessamentos de raça, de classe e de orientação sexual (Akotirene, 2019).

Vale ressaltar que utilizar o conceito de interseccionalidade não significa que o tema será abordado visando apontar quais segmentos sociais sofrem mais violações em seus direitos ou no sentido de hierarquizar essas questões (Akotirene, 2019), mas sim de problematizar as realidades vivenciadas e as diversas formas de opressão, buscando estratégias para o seu enfrentamento.

UNEGRO: militância e identidade negra

A União de Negras e Negros Pela Igualdade (UNEGRO) foi criada no dia 14 de julho de 1988 na cidade de Salvador-Bahia, sendo que atualmente está presente em todos os estados da federação, inclusive no Distrito Federal (Braga, 2018).

Conforme já foi mencionado, os movimentos formados por pessoas negras surgiram principalmente para combater o racismo e a violência. Contudo, as pautas foram se ampliando, e hoje a UNEGRO faz parte de uma ampla articulação cujas lutas perpassam as dimensões de raça, de gênero e de classe (Braga, 2018). São objetivos da UNEGRO:

- Lutar contra o racismo em todas as suas formas de expressão;
- Empenhar-se na preservação e desenvolvimento da cultura negra;
- Defender o livre direito de escolha da orientação sexual dos homens e mulheres negras;
- Defender os direitos culturais da população negra;

- Externar solidariedade e apoio à luta dos povos africanos e povos oprimidos de todo o mundo;
- Lutar pelo exercício da cidadania em todos os setores da vida social do País;
- Defender de uma sociedade justa, fraterna, sem exploração de classe, de raça ou baseada na exploração entre os sexos (BRAGA, 2018, p. 3).

Em 2021 a UNEGRO completou trinta e três anos de militância, luta e resistência, e no dia 31 de julho do referido ano foi realizado o Seminário Nacional de Mulheres da UNEGRO no qual estiveram presentes 113 mulheres de todas as regiões do país. Nesse seminário foi aprovado um documento que dialoga justamente com o que buscamos debater neste artigo. O documento enfatiza a “persistência do entrelaçamento do racismo e do sexismo na estrutura desigual das classes no país” (UNEGRO, 2021, s/p.).

Apresenta-se a seguir um trecho da carta produzida no Seminário Nacional de Mulheres da UNEGRO:

Carta do Seminário Nacional de Mulheres da Unegro

Nós mulheres da Unegro nos reunimos neste 31 de julho – Dia da Mulher Africana – no Seminário Nacional de Mulheres da Unegro para fortalecer e intensificar a luta das mulheres negras no contexto da mais grave crise sanitária, econômica, política e social dos últimos cem anos no Brasil. Denunciamos a persistência do entrelaçamento do racismo e do sexismo na estrutura desigual das classes no país, agravada com a condução genocida do Presidente abertamente racista, machista, LGBTfóbico, fascista e ultraliberal.

*UNIÃO DE NEGRAS E NEGROS PELA IGUALDADE (UNEGRO)
Brasil, 31 de julho de 2021 (UNEGRO, 2021, s/p.).*

O compromisso da UNEGRO na luta é justamente com a garantia dos direitos da população negra, e isso pode ser visualizado na carta, na qual é possível perceber as pautas que o movimento possui, compreendendo as lutas para o enfrentamento das diversas formas de violência contra as mulheres, notadamente o feminicídio, *mostrando um importante e vasto campo de atuação da UNEGRO no combate às diversas formas de opressão (UNEGRO, 2021).*

Na segunda metade do século XX foram surgindo diversos movimentos organizados no Brasil, dentre eles os das mulheres negras, conscientes de que seria importante manterem vivas a memória e a cultura do povo negro. A UNEGRO é um exemplo de movimento que luta pelos direitos da população negra, visando combater o sexismo, o racismo e a violência institucional. Segundo Abreu (2021):

A década de 1950 é tida pela literatura especializada como um período de grande efervescência no engajamento de mulheres no Brasil. As mulheres negras, ao contrário do que as narrativas clássicas do movimento feminista induziram, estiveram à frente de muitas e diversas organizações femininas que nasceram a partir de 1950, como a Associação Feminina do Distrito Federal e a Federação de Mulheres do Brasil (Abreu, 2021, p.36).

É importante destacar a luta das mulheres negras nesse movimento, mulheres essas que lutaram e participaram da história desse país. Cabe destacar ainda que os movimentos sociais negros no Brasil contribuem para a garantia da memória e da ancestralidade do povo negro, apesar dos empecilhos, boicotes e perseguições, “resistindo para não ter suas raízes removidas” (Mendes, 2021, p. 46).

A luta do movimento negro, perpassa a questão da identidade, da ancestralidade e do nosso reconhecimento enquanto povo. Lélia Gonzalez bem dizia que a gente nasce preta, mas nos tornar negras é uma vitória. Justamente pelo afincamento da população negra em cultivar raízes, deixar viva a cultura e os saberes ancestrais, honrar quem fomos para continuar construindo o que ainda seremos (Mendes, 2021, p. 46).

Diversas conquistas voltadas para a população negra vêm em decorrência da luta de pessoas que se colocaram à frente para exigir direitos e enfrentar as violências sofridas por mulheres e homens, meninas e meninos em nossa sociedade. Com isso surge “a agenda do movimento negro liderada especialmente por mulheres negras”, com a defesa de direitos humanos e “combate às desigualdades sociais, ao racismo e ao sexismo” (Mendes, 2021, p. 46).

Com a pandemia decorrente da Covid-19 e frente ao distanciamento das pessoas no mundo, os movimentos sociais tiveram que se reorganizar para garantir suas agendas de luta. Se não podiam se organizar nas ruas, utilizaram outros meios. Como aponta Menegon e Alves (2021), o espaço cibernético tornou-se um dos principais meios para a atuação das políticas públicas e dos movimentos sociais, que perceberam que deveriam ocupar o espaço virtual, promovendo articulação, formação e discussão pública, como forma de resistência, luta e defesa de direitos.

CONCLUSÃO

Este trabalho se propôs analisar como a UNEGRO tem se inserido em suas pautas de trabalho, fazendo uma discussão a partir da interseccionalidade. Nessa direção, buscou-se preencher uma lacuna na literatura quanto análise da atuação da UNEGRO

nos dias atuais, considerando que mesmo com a divulgação do trabalho do referido movimento, é importante também a reflexão sobre o tema no campo da academia.

Existem diversos movimentos espalhados pelo Brasil além da Unegro, dispostos a lutar e a resistir para que as desigualdades sejam enfrentadas. De modo que dar visibilidade e fortalecer esses movimentos é uma missão não só de quem faz parte deles, mas sim de toda a sociedade, pois, muitas vezes, esses grupos organizados atuam onde o Estado não chega.

É importante entender que os movimentos estão para somar e que têm a sua função no meio social, não tirando a responsabilidade que é do Estado, considerando que somente por meio de políticas públicas efetivas é possível garantir direitos à população que necessita.

O movimento negro existe e não é de hoje, com o passar do tempo só foi se expandindo, com discussões que dão visibilidade às diversas demandas que atravessam a população negra. Cada um foi se organizando e lutando por aquilo que acredita, com resistências e lutas em prol do acesso a direitos, visando o fortalecimento da democracia e o exercício da cidadania.

REFERÊNCIAS

ABERS, Rebecca Neaera; SILVA, Marcelo Kunrath; TATAGIBA, Luciana. Movimentos sociais e políticas públicas: repensando atores e oportunidades políticas. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, p. 15-46, 2018. Disponível em <https://www.scielo.br/j/ln/a/7Z3vLtvbrTykKtSfx39Q5Xs/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 10 de dezembro de 2021.

ABREU, Gabrielle Oliveira de Abreu. Ecos do Agora. In: LOURENÇO, Ana Carolina; FRANCO, Anielle (Org). **A radical**

imaginação política das mulheres negra brasileiras – São Paulo: Oralituras, São Paulo: Fundação Rosa Luxemburgo, 2021. p. 33-45.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**, São Paulo: Sueli Carneiro: Pólen, 2019.

ARAÚJO, Edna Maria de; CALDWELL, Kia Lilly; SANTOS. Márcia Pereira Alves dos; SOUZA, Ionara Magalhães de; ROSA, Patrícia Lima Ferreira Santa; SANTOS, Andreia Beatriz Silva dos; BATISTA, Luís Eduardo. Morbimortalidade pela Covid-19 segundo raça/cor/etnia: a experiência do Brasil e dos Estados Unidos. **Saúde em Debate**, v. 44, p. 191-205, 2021.

BAIRROS, Luiza. Não podemos ficar indiferentes ao fatos de que os negros morrem mais cedo quando comparados a qualquer outro grupo social. In: LOURENÇO, Ana Carolina; FRANCO, Anielle (Org). **A radical imaginação política das mulheres negra brasileiras** – São Paulo: Oralituras, São Paulo: Fundação Rosa Luxemburgo, 2021. p. 92-103.

BRAGA, Alexandre Francisco. **Unegro, um projeto de raça, classe e gênero no Brasil**. 2018.

CINTRA, André. **Unegro propõe ativismo de mulheres negras contra o sistema e Bolsonaro**, 03/08/2021. Disponível em <https://vermelho.org.br/2021/08/03/unegro-propoe-ativismo-de-mulheres-negras-contr-o-sistema-e-bolsonaro/>. Acesso em 09 de dezembro de 2021.

DOMINGUES, Petrônio. Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos. **Revista Tempo**, n. 23, p. 100-122,

2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tem/v12n23/v12n23a07.pdf>>. Acesso em: 10 de Dezembro de 2021.

FERRAZ, Ana Targina Rodrigues. Movimentos sociais no Brasil contemporâneo: crise econômica e crise política. **Serviço Social & Sociedade**, p. 346-363, 2019.

LUZ, Gerlandia da. **A revolta da balaiada no Maranhão**. Trabalho de conclusão de curso. Curso Ciências Humanas, Universidade Federal do Maranhão, Pinheiro-MA, p. 01-21. 2016.

MENDES, Diana. Políticas raciais: da identidade à estrutura. In: LOURENÇO, Ana Carolina; FRANCO, Anielle (Org). **A radical imaginação política das mulheres negras brasileiras**. – São Paulo: Oralituras, São Paulo: Fundação Rosa Luxemburgo, 2021. p. 46-57.

MENEGON, V. G. S.; ALVES, L. E. C. Gira de estudos africanos e africanidades e a formação na UNEGRO/Caxias. **Revista Práxis Pedagógica**, V. 6, N. 7 2021. Disponível em <https://periodicos.unir.br/index.php/praxis/issue/view/478>. Acesso em 20 de novembro de 2021.

MIRANDA, Zeny Duarte de; SALES, Patrícia Reis Moreira; SANTOS, Eva Dayane Jesus dos. Memórias da Irmandade Nossa Senhora da Boa Morte em Cachoeira–Bahia/Brasil. **Revista Fontes Documentais**, v. 2, n. 3, p. 75-92, 2019.

OLIVEIRA, Francisco Isaac D. de A igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos como espaço de memória. **Revista Relicário**, v. 6, n. 12, p. 199-220, 2019.

SANTOS, André Luís Rodrigues. Revolta dos Malês (1835): Apontamentos sobre o Levante dos Nagôs islamizados. **Revista Eletrônica Discente História**. com, v. 7, n. 14, p. 327-339, 2020.

SOARES, Iraneide da Silva. Caminhos, pegadas e memórias: uma história social do movimento negro brasileiro. **Universitas: Relações Internacionais**, v. 14, n. 1, 2016.

SOARES, Mariza de Carvalho. O Império de Santo Elesbão na cidade do Rio de Janeiro, no século XVIII. **Topoi (Rio de Janeiro)** [online]. 2002, v. 3, n. 4 [Acessado 12 Dezembro 2021], pp. 59-84. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2237-101X003004003>>. Epub Jan-Jun 2002. ISSN 2237-101X. <https://doi.org/10.1590/2237-101X003004003>.

SOUSA, Cláudio Barbosa de. **Marinheiros em luta: a Revolta da Chibata e suas representações**. 2012. 116 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2012.

UNEGRO. União de Negras e Negros pela Igualdade. **Carta do Seminário Nacional de Mulheres Negras. Brasil**, 31 de julho de 2021. Disponível em <https://vermelho.org.br/2021/08/03/unegro-propoe-ativismo-de-mulheres-negras-contrao-sistema-e-bolsonaro/>. Acesso em 09 de dezembro de 2021.



“Este livro resultado de uma potente parceria que reúne esforços e sintonia em torno do debate sobre as “reformas” neoliberais, as desigualdades, violências e seus desdobramentos junto à família e seus membros. Necessita ser lido com urgência, posto que a ofensiva ao Estado Democrático de Direitos e às conquistas da nossa classe parecem terem fincado os pés no país. Mais do que nunca é chegada a hora de aumentar a vigilância e reafirmar os princípios ético-políticos em defesa da liberdade, da democracia e da justiça social. O livro nos arma para a permanente e intensa disputa no interior da sociedade e do Estado”.

Juliana Iglesias Melim
*Professora adjunta da Universidade
Federal do Espírito Santo (UFES)*

